

POLIFONIA E GÊNERO EM A DANÇA DOS CABELOS, DE CARLOS HERCULANO LOPES

Shantynett Souza Ferreira Magalhães Alves

Introdução

Na literatura brasileira, nos anos de 1970 e 1980, muitas vozes femininas se fizeram ouvir no campo literário por meio de textos de autoria feminina. A voz da mulher passou a receber maior atenção. Cada vez mais pesquisadores, incluindo grupos de estudos nas universidades tanto no campo literário quanto em outras áreas de conhecimento, têm contribuído para fomentar o debate sobre as relações entre literatura e gênero. O presente trabalho, integrado à pesquisa “Polifonia e gênero em *A dança dos cabelos*, de Carlos Herculano Lopes, buscou analisar as vozes narradoras instauradas pela voz autoral masculina, que num momento de contemplação dos discursos das mulheres, dele se apropria para construir seu discurso ficcional. De forma peculiar, Carlos Herculano Lopes abre uma fenda no discurso masculino e questiona a visão falocêntrica da narrativa, performatizando a narrativa oral das mulheres. Mineiro de Coluna, Vale do Rio Doce, jornalista e escritor, atualmente trabalha no Caderno de Cultura do *Estado de Minas*. Desde sua estreia com o livro de contos *O sol nas paredes* (1980), bem recebido por escritores como Oswaldo França Júnior, Jorge Amado, Heitor Martins e por Rui Mourão, o autor vem se renovando a cada publicação. Em 1982, ganha o Prêmio de Literatura Cidade de Belo Horizonte, com seu segundo livro de contos, *Memórias da sede*. Foi ganhador do Prêmio Lei Sarney, como autor revelação de 1988, *A dança dos cabelos*, seu primeiro romance, também contemplado com o Prêmio Guimarães Rosa, é objeto desta pesquisa. *Sombras de julho* (1990), vencedor da Quinta Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, traz um dos marcadores da literatura desse autor, a violência rural com seus dramas e conflitos. Além de contos e romances, Lopes também publicou livros de crônicas, como *O pescador de latinhas e BH e Texas*, totalizando 13 livros. Seus livros *Sombras de julho* e *O vestido* foram traduzidos para o italiano, participa da antologia *15 cuentos brasileiros* na Argentina, além de adaptações para cinema e televisão como “Estranhas criaturas”, conto de *Memórias da sede*, *Sombras de julho*, *O vestido* e “Um brilho no escuro”, conto de *Coração aos pulos*. Pode-se salientar ainda que Lopes, com intensa perspicácia, agrega à sua produção literária certas manifestações que remetem à identidade cultural mineira, como a forte religiosidade católica, traços folclóricos, a tradicional família mineira, a educação severa, a típica culinária dos queijos, da cachaça, Minas do ouro e dos diamantes, os conchavos e as desavenças políticas, hábitos comuns às cidades do interior e ao cotidiano rural mineiro. Há reflexões acadêmicas sobre sua literatura despeito da boa recepção de sua produção ficcional.

A arte em geral e o romance em particular sofreram radicais transformações no mundo após os anos 50 e 60. Dominante na ficção brasileira atual, sob influência de Guimarães Rosa, a narrativa em primeira pessoa tornou-se uma técnica estilística de considerável importância na ficção brasileira, recurso do qual o autor de *A dança dos cabelos* se vale para “apagar as distâncias sociais”, dando voz e conferindo autenticidade aos discursos menores.

Num exercício narrativo de intensa habilidade, Lopes constrói três histórias descontínuas, em primeira pessoa, cujo fio narrativo é composto numa surpreendente gradação que parte da ancestralidade na qual o patriarcado e o poder masculino constituem a lei; o coronelismo ainda é a tônica da saga de uma família mineira, no Vale do Rio Doce, lugar onde gerações se ligam e se despedaçam.

Silviano Santiago em “O narrador pós-moderno” discute e debate o papel do narrador pós-moderno em contraposição ao narrador benjaminiano: “Quem narra uma história é quem a experimenta, ou quem a vê?” [1], dessa forma traz à tona a problemática da identidade do narrador na literatura contemporânea e problematiza a questão da “noção de autenticidade”. Será autêntica uma narrativa originada da contemplação ou da lembrança de experiências alheias? Numa segunda hipótese de trabalho, Santiago deixa claro que o narrador pós-moderno sabe que lida com construções da linguagem, a partir das quais atribui autenticidade ao que relata.

Em *A dança dos cabelos*, o leitor é envolvido numa profusão de vozes e modos narrativos cujos relatos são fruto da memória das personagens-narradoras, as Isauras, assim como das histórias contadas e vivenciadas por seus antepassados. Assim, as três gerações de Isauras assumem alinhar os fragmentos da genealogia de mulheres de uma família, uma colcha de retalhos, cujas histórias também pertencem a cada uma delas. Carlos Herculano Lopes ousou penetrar nos espaços ocupados essencialmente por mulheres imprimindo autenticidade ao relato ao dar voz às narradoras, na primeira pessoa. Borges [2] problematiza categorias teóricas, como a da personagem-narradora que tradicionalmente é apresentada como um narrador enganoso e faz uso do termo “literatura de descolonização estética”, pertinente nesta pesquisa. Carlos Herculano Lopes forja narradoras que questionam o poder modelador das categorias canônicas da narrativa encontradas, comumente, nos manuais de Teoria da Literatura acerca do personagem-narrador.



Material e métodos

A investigação configurou-se como bibliografia de cunho analítico. Por meio de análise do referencial bibliográfico, identificação, compilação, fichamento, a pesquisa que se encontra em desenvolvimento, nos permite definir, não somente problemas já conhecidos, mas também questionar categorias canônicas e explorar novas teorias. Para a análise do romance de Carlos Herculano Lopes, foram utilizados alguns conceitos de narradores extraídos dos seguintes artigos: “O narrador”, de Walter Benjamin, “O narrador pós-moderno”, de Silviano Santiago e “A problemática da identidade na literatura contemporânea”, de Telma Borges.

Resultados parciais e discussão

Em *A dança dos cabelos*, Carlos Herculano Lopes rompe com a categoria canônica no que diz respeito ao tempo fragmentado na narrativa aliado à multiplicidade de vozes particularizando seu modo de narrar ao conceder às mulheres o direito de voz que há muito foi silenciada. Ao instituir essas vozes narradoras, por meio do jogo da linguagem, desestabilizam-se “os discursos dominantes para conferir autenticidade também aos discursos menores” [3]. Para Walter Benjamin, em o narrador moderno, torna-se cada vez mais rara a possibilidade de narrar, já que o narrador está privado de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. Para Benjamin, o grande trunfo do narrador é a experiência, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” [4]. Tendo vivido tudo o que narra, o narrador assegura a autenticidade dos fatos narrados. Se é autêntica a narrativa originada da experiência, poderia também ser autêntica aquela proveniente da contemplação de experiências alheias?

Silviano Santiago discute a autenticidade do narrador pós-moderno em contraposição a Benjamin, dizendo:

o narrador pós-moderno é o que transmite uma “sabedoria” que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva de sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar “autenticidade” a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança, que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o “real” e o “autêntico” são construções de linguagem [5].

As narradoras de *A dança dos cabelos* tecem os dramas e os conflitos vivenciados por três gerações de um mesmo clã. Três pontas de uma trança que se entrelaça numa intensa coreografia. A primeira Isaura, a avó, teve e criou quatorze filhos do homem que encomendou a morte dos pais e familiares dela, concomitantemente à desapropriação da fazenda da família:

Talvez ele quisesse, agindo assim, apagar de sua lembrança ou jogar para os recantos mais escondidos, aquele dia, quando acompanhado por jagunços, a maioria buscada na Bahia, ele mandou que cercassem a casa e que se iniciasse o tiroteio [...]. E mandou que incendiassem a casa. E que os corpos, depois de cortadas as cabeças, fossem jogados no rio. Ainda o ouvimos repetir: não deixem escapar a morena. [...]. E eu senti como se fosse desmaiar. Tremia muito. Urinava nas calças, e ele mandou que eu chegasse mais perto, me ajoelhasse a seus pés e beijasse as suas mãos: pois, daqui para frente, você será minha [6].

A existência da Isaura-avó é marcada pela dor da qual ela só se liberta com o suicídio nas águas do rio Suaçuí:

E bateu em mim com violência. Os pontapés e chicotadas abriram lanhos em minhas carnes, contraindo em vômitos o meu ventre. Até que os joelhos, devagar, foram se dobrando e repetidas vezes o chamei de senhor: beije as suas mãos e sua boca e implorei



FÓRUM ENSINO • PESQUISA EXTENSÃO • GESTÃO FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



**24 a 27
setembro**

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

pela minha vida, que a partir daquele dia, e nos dez anos que se seguiram — até que pude andar pela casa — passaria a lhe pertencer. E trancada dentro de um quarto, dia e noite vigiada por seus homens, a comida me era entregue por um buraco. As necessidades, eu as fazia em um urinol que no outro dia era recolhido com as peneiras — que eu tinha a obrigação de trançar — pela mesma negra que, aos sábados, me trazia o banho e vez ou outra ervas cheirosas [7].

A segunda Isaura foi traída e rejeitada pelo marido, presenciou os gemidos de gozo de Antônio com as amantes dentro de sua própria casa, um homem que zombou de seus peitos caídos e da gordura que tomara conta de seu corpo. Antônio agride esposa e filha, anuncia a realização de um antigo e sempre adiado sonho de sair conhecendo o mundo. Parte para uma viagem que durou anos e, após gastar todo o dinheiro na promiscuidade, o marido pródigo retorna. Isaura que buscara o prazer na solidão o recebe e estende seus fios:

[...] entre carícias tantas, ouvindo as suas histórias, entramos noite adentro [...]. Quando então, depois de beber o que ainda restava do vinho — que mandei especialmente comprar — e de arrancar daquele homem todos os prazeres dos quais me privei nos tantos anos em que estive só, eu esperei que ele adormecesse.[...] E já com uma navalha aberta, tomada por um incontrolável ódio, retalhei em golpes profundos o seu corpo: senti o quente de seu sangue e comecei a carregar aquela morte [8].

A terceira Isaura, agente da escrita, se transforma em repositório da memória familiar, “E com os olhos em outros horizontes, penso em minha mãe e em minha avó, que também aqui, com certeza, já estiveram. Cada uma dentro de seu mundo: vovó, não por prazer, remoendo o massacre de sua família. Nem mamãe, por gosto, pensando em sua sorte” [9]. Diferente das outras Isauras, a Isaura-neta é a única que parece ter livre arbítrio, afirma “não querer ser herdeira das mesmas cicatrizes” [10], o que possibilita o esgotamento dessa ordem opressora.

A ótica de Carlos Herculano Lopes subverte a escrita tradicionalmente pretendida ou apreendida pelo escritor homem ao dar vozes às protagonistas, fazendo de uma delas a agente da escrita.

Considerações finais

Pretende-se ao final da pesquisa, desenvolver uma análise de representação da mulher, com foco nas vozes narradoras que fazem ecoar denúncia contra a violência arbitrada contra as mulheres, e que de alguma forma, mostraram-se como sujeitos de sua própria história.

Referências

- [1] SANTIAGO, Silvano. O narrador pós-moderno. In: *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002 (p.44).
- [2] BORGES, Telma. A problemática da identidade na literatura contemporânea — O caso Nael. *Água da palavra*: Revista de Literatura e teorias, nº 3, março, 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/229893815/A-Problematica-Da-Identidade-Na-Literatura-Contemporanea>>. Acesso em 23 de junho de 2014.
- [3] BORGES, Telma. Narrativas vistas de baixo. In: *A escrita bastarda de Salman Rushdie*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2011 (p.144).
- [4] BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (p.198).
- [5] SANTIAGO, Silvano. O narrador pós-moderno. In: *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002 (p.46).
- [6] LOPES, Carlos Herculano. *A dança dos cabelos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001 (p.41).
- [7] LOPES, Carlos Herculano. *A dança dos cabelos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001 (p.44-45).
- [8] LOPES, Carlos Herculano. *A dança dos cabelos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001 (p.36).
- [9] LOPES, Carlos Herculano. *A dança dos cabelos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001 (p.96).
- [10] LOPES, Carlos Herculano. *A dança dos cabelos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001 (p.113).